

Proletários de todos os países UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O 30.º aniversário do «Avante!»

30 ANOS NA LUTA CLANDESTINA PELA DEMOCRACIA, PELA PAZ E A INDEPENDENCIA NACIONAL

Há 30 anos; a ditadura fascista em plena ascensão esmagava uma a uma as liberdades democráticas, arrancava às forças populares todas as suas conquistas obtidas em muitos anos de luta. A publicação do jornal legal do nosso Partido, «O Proletário», era forçadamente interrompida.

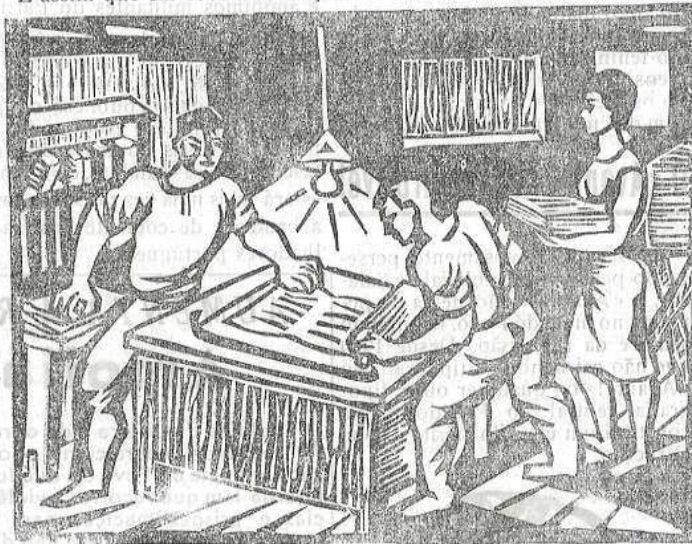
Perante o Partido, que então se organizava para a dura luta clandestina, punha-se a importante tarefa de criar um jornal ilegal, capaz de resistir à repressão dos salazaristas e de romper a sua máquina de mentiras e de medo, levando as massas populares a reagruparem-se e a passarem ao ataque contra a ditadura. O Partido precisava dum jornal que educasse a classe operária nas ideias do marxismo-leninismo,

que popularizasse as melhores acções de luta e que forjasse uma aliança combativa dos operários e camponeses, agrupando à sua volta todas as outras classes nacionais. A publicação do jornal ilegal do Partido era uma tarefa vital para o destino da luta anti-fascista.

É assim que em 1931 a Direcção

do nosso Partido, sob a orientação do camarada Bento Gonçalves, resolveu criar o seu órgão ilegal e, em homenagem ao glorioso jornal fundado por Lênine, lhe dá o nome de «Avante!». Desde então, e em 30 anos de publicação, o «Avante!» nem por um momento deixou tombar a honrosa bandeira de combater

(continua na 2.ª pág.)



MENSAGEM DO P.C.U.S. A ÁLVARO CUNHAL

Quando do histórico acontecimento do envio aos Cosmos do camarada soviético Yuri Gagarine, em nome do Comité Central do Partido e exprimindo os sentimentos de todos os comunistas portugueses, Álvaro Cunhal enviou uma mensagem de calorosas felicitações ao Partido Comunista da União Soviética, ao Governo e ao povo soviético.

Publicamos a seguir a resposta do grande e fraterno P.C.U.S., vanguarda do movimento comunista mundial, a essa mensagem.

«Ao Secretário Geral do Partido Comunista Português, camarada Álvaro Cunhal.

Querido camarada Cunhal! Agradecemos do coração ternos enviados as felicitações do Comité Central do Partido Comunista Português por ocasião do primeiro voo do homem no cosmos

O nosso Partido e todo o povo soviético, apoiando-se nas vantagens do regime socialista, continuarão a fazer progredir a ciência, a técnica e a cultura e a esforçar-se por alcançar novos êxitos na conquista do Cosmos, na elevação do bem-estar do povo soviético e na construção do comunismo, conscientes e orgulhosos de que todos os sucessos do povo soviético contribuem para a causa da paz, do progresso e do bem-estar de todos os habitantes do nosso planeta.

Desejamos ao glorioso Partido Comunista Português novos êxitos na sua nobre actividade.»

O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética

O evidente reforçamento da luta libertadora dos povos de Angola, o começo de acções armadas dos patriotas da Guiné, a expulsão do forte de S. João Batista da Ajuda, o alargamento da unidade de acção dos povos das colónias portuguesas, testemunham o inevitável desmoronamento do colonialismo português.

A recusa do Governo em autorizar a sub-comissão da ONU a visitar Angola, o corte de relações diplomáticas pelo Senegal, acentuam o descrédito internacional de Portugal e são prenúncios dum maior e profundo isolamento diplomático, económico e cultural.

Não ver outra solução que não seja a de continuar com a vergonhosa guerra colonial, como afirma Salazar, significa fazer correr o sangue dos soldados portugueses que morrem diariamente, não no solo pátrio, não em defesa da Pátria, mas a milhares de quilómetros da Pátria, numa tentativa de salvaguardar os lueros fabulosos e os inte-

resses egoístas dum punhado de colonialistas; significa a chacina de milhares de negros (a Sociedade Missionária Baptista admite serem já 35.000 os que foram massacrados), o despovoamento e a paralisia económica de regiões maiores que Portugal continental.

Continuar, significa, destinar logo após o lançamento de novos impostos, um milhão de contos para a guerra colonial (um mês antes tinham sido destinados 500 mil contos), provocar um imediato aumento do custo de vida, fazer cortes drásticos nas despesas de interesse público. Entretanto, o ministro das Finanças apressou-se já a anunciar na Televisão que iremos «caminhar inevitavelmente para uma economia de guerra, para finanças de guerra. Isto é, para restrições, sacrifícios, privações.

Continuar a sordida política colonial do Governo, significa pois sacrificar a vida e a saúde de milhares de soldados portugueses; significa forçar as classes trabalhadoras e até mesmo a pequena e mé-

PORTUGUESES

A Nação está já a sentir duramente o fardo da guerra em Angola e as suas trágicas consequências.

As dificuldades já existentes na economia nacional agravaram-se e agravar-se-ão extraordinariamente com o prolongamento desta guerra injusta. Mais de 20.000 contos são absorvidos diariamente pela guerra colonial; e esse dinheiro não sai da carteira dos magnates colonialistas mas sim do bolso e do estômago dos trabalhadores e dos modestos recursos do campesinato e da pequena e média burguesia urbana.

Mas o nosso povo não está disposto a arcar com o fardo da guerra colonialista e levantar-se-á cada vez mais vivamente contra o desastre para que Salazar o pretende conduzir.

Os protestos populares contra a partida dos soldados para as colónias, as acções do dia 10 de Junho contra a campanha de um dia de trabalho e das receitas dos espectáculos para Angola, a resistência activa e maciça de milhares de trabalhadores contra os «donativos» para a guerra e o magnífico protesto que se levantou contra os novos impostos e que levou já à eliminação do imposto de algumas bebidas, mostram o vivo repúdio sentido pelo povo português contra a política colonialista de Salazar e que é possível fazer recuar o fascismo na corrida a impostos novos.

As valentes acções dos soldados de Leiria, de Évora, de Beja, de Cavalaria 7, de Caçadores 5 e de

(continua na 4.ª pág.)

A unidade de acção é um imperativo PARA FAZER CESSAR A GUERRA DE ANGOLA e derrubar a ditadura fascista

dia burguesia a custear as despesas de guerra; significa um constante aumento dos preços e a descida do salário real dos trabalhadores; significa lançar novos impostos, a desvalorização do escudo e um maior enfeudamento ao imperialismo.

Os acontecimentos confirmam plenamente as previsões há muito feitas pelo Partido Comunista Português. Poderemos afirmar sem receio que a continuação da política colonial de Salazar lançará o país num verdadeiro «desastre nacional», mas não impedirá que os povos das colónias portuguesas consigam a liberdade e a independência a que aspiram e têm direito.

A aceitação do princípio da auto-determinação e da independência dos povos das colónias portuguesas é o único caminho que poderá fazer cessar a guerra e que corresponde aos interesses de Portugal. Tal política possibilitaria o estabelecimento de relações fraternas na

(continua na 4.ª pág.)

30 ANOS NA LUTA CLANDESTINA



Quem são os comu MANUEL

(continuação da 1.ª pág.)
tente de vanguarda da classe operária portuguesa e de todo o povo na luta pelo derrubamento da ditadura do grande capital.



José Moreira

Sempre na vanguarda da luta

Durante os dias sombrios da guerra de Espanha, o «Avante!» publicado semanalmente, foi o incansável guia da solidariedade ao povo espanhol; mais tarde, durante a guerra mundial, quando as negras forças da reacção pensavam esmagar a humanidade sob a barbárie nazi, o «Avante!» esclarecia e orientava o povo afirmando confiantemente número após número: «A URSS vencerá a guerra».

A luta heroica da classe operária, do campesinato e de todo o povo português, as grandiosas greves, manifestações populares e jornadas eleitorais desde 1942 até aos nossos dias, a campanha de luta pela Paz, têm passado pelas páginas do «Avante!» que vem infatigavelmente apontando o caminho da luta de massas e da unidade de acção como o único que conduzirá ao derrubamento da ditadura fascista e à conquista dum regime democrático.

Nas colunas do «Avante!» têm sido denunciadas as ilegalidades fascistas, os assassinatos da PIDE e as torturas aos milhares de comunistas e outros patriotas que neste longo período passaram pelas prisões fascistas; nas colunas do «Avante!» foi conduzida a campanha pela extinção do campo da morte do Tarrafal e tem sido impulsionada sem interrupção a campanha nacional pela Amnistia aos presos e perseguidos políticos.

Hoje que o governo fascista envolve Portugal em sangrentas guerras coloniais que arrastam o país

para uma crise tremenda, comprova-se a justeza da posição defendida pelo «Avante!» há longos anos, desmascarando a opressão nas colónias e defendendo o direito de auto-determinação e de independência para os povos coloniais. Com esta orientação, o «Avante!» tem educado firmemente a classe operária portuguesa no espírito do internacionalismo.

Essa educação internacionalista da classe operária portuguesa tem sido igualmente realizada pelo «Avante!» ao revelar as conquistas dos trabalhadores da URSS, que caminham para o comunismo, e dos outros países onde a classe operária se libertou do jugo do capital, assim como as lutas dos trabalhadores nos países capitalistas.

Finalmente o «Avante!» tem ainda desempenhado um importante papel na construção do nosso Partido como um grande Partido nacional, trazendo às suas fileiras milhares de trabalhadores de vanguarda, formando-os nas ideias do marxismo-leninismo, alertando contra as ofensivas do inimigo, popularizando os melhores exemplos de coragem dos militantes comunistas.

O «Avante!» é indestrutível

Apesar de raivosamente perseguido pela matilha policial de Salazar, o «Avante!» não deixa de penetrar no meio do Povo, triunfando sempre da repressão. Desde 1949 que não cai nenhuma tipografia do «Avante!» ou qualquer outra tipografia central do Partido, o que constitui um elevado mérito da sua Direcção.



Maria Machado

O «Avante!» é o símbolo da resistência anti-fascista, a expressão mais elevada da luta heroica do povo português e o campeão mundial da imprensa clandestina na luta pela Liberdade, a Paz, a Independência

Nacional e o Socialismo. É que o nosso jornal é o resultado da vontade heroica de milhares de comunistas e trabalhadores que nele colaboram, que o imprimem, que o distribuem de fábrica em fábrica, de aldeia em aldeia, por todo o País, que recolhem dinheiro para o sustentar. O «Avante!» é a voz ardente da classe operária portuguesa e por isso ele é indestrutível.

Pelo trabalho do «Avante!» passaram muitos dos melhores militantes do Partido, como o camarada Bento Gonçalves, que cuidou da sua fundação, o camarada José Gregório, agora falecido, que imprimiu os primeiros números do «Avante!» em 1941 após a reorganização, o camarada José Moreira, morto às mãos dos carrascos da PIDE em 1950, por se recusar a denunciar onde era a sua tipografia, a camarada Maria Machado, presa numa tipografia do «Avante!» em 1945 e dezenas de outros abnegados e anónimos militantes do Partido.

O Partido e a classe operária festejam hoje o 30.º aniversário da existência do «Avante!» e o 20.º aniversário da sua publicação regular, preparando-se para novas batalhas decisivas contra a ditadura fascista. Nessas batalhas, o «Avante!» estará mais uma vez presente como a bandeira de combate dos trabalhadores portugueses.

Pior que a condenação a prisão perpétua é chegar-se ao tempo duma longa pena, esperar e libertação dentro de poucos dias e receber a brutal notícia de que as medidas de segurança foram prorrogadas por tempo indeterminado até 3 anos! Este suplente calendário de prisioneiro, constantemente renovado quando está prestes o seu fim, foi já vivido três vezes por Manuel Rodrigues de Silva. Preso pela segunda vez em 1950 e condenado a uma pesada pena que terminou em princípios de 1958, já sofreu duas prorrogações de medidas de segurança de um ano cada e em Março deste ano acaba de sofrer a terceira prorrogação, de 3 anos. O juiz a cargo de quem corria o processo de prorrogação pedida pela PIDE, tinha decidido conceder-lhe a liberdade condicional. Mas o Plenário revogou esse decisão por ordem da PIDE. Porque é então que a ditadura salazarista o sujeita à prisão perpétua?

Uma dedicação sem limites

Manuel Rodrigues nasceu em 1909, no Brasil, filho de mãe brasileira e dum operário português. Veio para Portugal aos 4 anos e meio. Aos 13 anos entrou para a serralheira mecânica da Manutenção Militar, onde começou a tomar contacto com os problemas da sua classe, ao mesmo tempo que estudava nas aulas nocturnas da Escola Afonso Domingues.

Em Março de 1933 tornou-se membro do Partido Comunista Português. Foi parte da Comissão Regional Sindical do Centro, de que em breve se tornou secretário e nessa qualidade era dirigente da Comissão Inter-Sindical, que era a central dos sindicatos aderentes à Internacional Sindical Vermelha. Pertenceu também à direcção da Liga Portuguesa Contra a Guerra e o Fascismo. Na direcção da CIS e da redacção de todos os jornais sindicais que então se publicavam, nomeadamente o órgão central da CIS, «O Proletário», desenvolveu persistentes esforços para conseguir a unidade de todas as tendên-

AUMENTA A REPRESSÃO

Ampliai a luta pela

política de guerra e de opressão feroz depara com a oposição unânime do Povo e a ditadura fascista tem que recorrer a violências e prisões maciças para se manter no poder. Mas ela não deixará de ser derrotada pelo ímpeto da luta popular crescente.

Numerosas prisões têm estado a ser feitas em todo o País, atingindo destacadas personalidades da oposição, como o Prof. Dias Amado, Dr. Eduardo de Figueiredo e drs. Carlos e Mário Cal Brandão. Nos últimos dois meses, dezenas de casas, estabelecimentos e transportes têm sido assaltados e revistados pela PIDE.

Uma perseguição implacável está a ser movida aos africanos residentes em Portugal que são vigiados, insultados (como aconteceu à Enfermeira Serafina Assis esbofetada na rua por um agente da PIDE), proibidos de sair do País e presos, como sucedem em Junho com os futebolistas Santana, Chipenda e Araújo, com 10 marlitos africanos, com estudantes e outros jovens coloniais. Em resultado desta perseguição, 80 estudantes angolanos tiveram que abandonar ilegalmente o País e refugiar-se em França. O furor da PIDE concentra-se sobre o prestigioso dirigente do povo angolano dr. Agostinho Neto, deportado em Santo Antão, e rodeado dum cerco de ameaças e provocações vis que põem a sua vida em perigo eminente!

Ao mesmo tempo que as prisões políticas continuam a encher-se, a PIDE aumenta as ameaças à vida de centenas de patriotas, entre eles

destacados militantes comunistas, que aí permanecem ano após ano.

Rodeados de ameaças e torturas

No Forte de Peniche o regime prisional agrava-se todos os dias. Os presos foram agora proibidos de repartir entre si seja o que for, até tabaco. Agostinho Saboga foi castigado com 60 dias de segredo por ter dado uma laranja a um companheiro! Nas janelas gradeadas foram postas agora chapas metálicas que roubam o ar e escurecem as celas. Procurado pelas famílias dos presos que protestaram contra esta nova desumanidade, o funcionário dos Serviços Prisionais, dr. Orbílio Barbas, disse-lhes que se tratava duma medida «no interesse dos presos». Os jornais diários são recortados para que os presos não tenham conhecimento de determinadas notícias políticas!

Assim se procura isolar completamente do mundo estes corajosos patriotas para melhor lhes aniquilar a vida.

No Forte de Caxias continua o calvário de centenas de presos, entre eles duas dezenas de mulheres, agora guardadas por mulhres-agens que entram a todo o momento nas salas, apertando uma vigilância insuportável à sua volta. Os dois novos médicos da PIDE nomeados para «assistir» aos presos começaram por cortar todas as dietas aos doentes; ao mesmo tempo que recusa a assistência a presas gravemente doentes como Maria da Piedade Gomes dos Santos, Luísa Paula, Cândida Ventura e outras, a PIDE proíbe-lhes a assistência

CAMARADA E AMIGO LEITOR DO «AVANTE!»

«Avante!» é o único jornal livre e o guia do povo português na sua luta pela liberdade e pela independência. Depois de o leres não o deves destruir. Dá-o a um amigo, manda-o pelo correio ou outros processos a pessoas honestas que conheças. Colabora com o «Avante!» enviando-lhe notícias e críticas, fazendo com que ele seja lido pelo maior número possível de trabalhadores e portugueses honestos e angaria fundos para ajudar o «Avante!». Ele precisa do teu auxílio e colaboração!

nistas?

RODRIGUES DA SILVA

cias sindicais do nosso país com o fim de estabelecer uma frente sindical comum, na base dos Sindicatos Nacionais fascistas.

Quando se realizou o VII Congresso da Internacional Comunista, em 1935, alguns camaradas da Direcção do Partido propuseram que Manuel Rodrigues, conhecido havia pouco tempo para o Comité Central, fosse ao Congresso como membro da delegação portuguesa. «Eu discordo!» — relata ele. «Não me considerava preparado sob vários aspectos, para lá ir. Embora desejasse ardentemente ir à URSS, tinha bem a noção do que valia. A única coisa que eu considerava que tinha por mim era a dedicação sem limites ao nosso Partido e à minha classe».

Essa dedicação sem limites, a mesma modestia e uma intransigente defesa da unidade e da pureza ideológica do Partido Comunista, caracterizaram sempre a sua acção de dirigente do Partido.

É o seu prestígio de dirigente operário, a sua vida íntegra de comunista totalmente dedicada à luta do nosso povo, o exemplar porte na policia e na prisão, que o fascismo não lhe perdoa.

Preso em 1936, foi enviado para o Campo de Concentração do Tarrafal, onde esteve mais de 9 anos sem nunca ter sido julgado, só sendo libertado em 1945 em virtude da luta do nosso povo e da derrota do fascismo na guerra.

Regressando de novo nas primeiras filas da luta clandestina, Manuel Rodrigues foi eleito para o Comité Central no II Congresso ilegal, em 1946. A luta do nosso povo e muito particularmente as greves de 1947, a campanha eleitoral de 1949 e o ascenso das lutas e vitórias sindicais que se verificaram nesse período, estão estreitamente vinculadas à sua abnegada acção.

Na prisão, Manuel Rodrigues foi por várias vezes violentamente torturado; descalfaram-no e deram-lhe com uma régua nas solas dos pés, durante longas horas foi espancado e partiram-lhe a cabeça em dois sítios. Na sua primeira prisão os raios feios da PIDE fizeram-lhe a seguinte pro-



posta: «Pagamos-lhe as passagens para o Brasil, e arranjamos-lhe emprego lá se você nos disser onde é a tipografia do «Avante!». «Disse-lhes que nem sequer respondia àquela ou a qualquer proposta daquela natureza».

No Tribunal fascista que o condenou em 1950, Manuel Rodrigues defendeu corajosamente o Partido e denunciou o fascismo e as suas desumanas leis que «não conseguiram encobrir os crimes e a política de traição nacional» dos salazaristas, terminando por afirmar: «Hoje sois vós os julgadores, mas não vem longe o dia em que será o povo de um Portugal livre quem julgard...»

Salvemnos Manuel Rodrigues

Com 52 anos e mais de 21 anos nas prisões fascistas, Manuel Rodrigues é, com Francisco Miguel, o preso politico com mais tempo de prisão. Durante quatro anos sofreu incomunicabilidade quase constante na sordida sala 2-A do Aljube onde nunca entra o sol, com uma alimentação péssima, sofre de carências alimentares e tem a saúde abalada por tantos anos de prisão. Este homem, que no Tarrafal, quando mais de 200 prisioneiros eram simultaneamente arrasados pelas febres, diarreias e biliosas, conseguia forças para tratar dos mais doentes, que nos longos anos de prisão nunca teve uma atitude de impaciência para com um camarada, dotado dum espirito de solidariedade exemplar, precisa que lhe seja prestada uma assistência regular.

Agora, que os presos de Peniche estão todos a ser passados para celas individuais, Manuel Rodrigues vai ficar privado de todo o contacto humano, sem ninguém que lhe leve roupas, alimentos, livros, nem sequer um bocadinho de sabão, porque não tem família que o possa ir visitar. Nessas condições a sua vida correrá, mais do que nunca, um grande perigo.

É preciso evitar mais esta arbitrariedade do fascismo. Manuel Rodrigues já terminou em 1958 a sua pena. Que se escrevam cartas e postais ao Governo e outras autoridades civis e religiosas, pedindo a sua libertação, e que seja permitido prestar-lhe a solidariedade e assistência a que tem direito, e que a sua saúde debilitada exija.

Provemos aos assassinos fascistas que Manuel Rodrigues não está só.

Liberdade para Manuel Rodrigues!

Lutas operárias

Nas fábricas, nas empresas e nos campos, o patronato explorador atira para cima dos trabalhadores com as consequências económicas causadas pela política monopolista e pela guerra colonial. Sucedem-se os despedimentos e reduções de dias de trabalho, os castigos e multas, o abaixamento dos salários. Sòmente a luta firme, unida e organizada dos trabalhadores poderá impedir o agravamento da sua miséria.

Nas fábricas e nos campos há que criar largas comissões de unidade e promover concentrações junto do patronato, sindicatos, casas do Povo e autoridades, exigindo a satisfação das reivindicações dos trabalhadores, recorrendo onde for necessário a paralizações de trabalho e à greve.

NAS FÁBRICAS

No dia 26 de Julho foi servido um almoço estragado no refeitório do estaleiro da CUF. Os operários começaram a gritar «Gatos!». Vieram os gerentes que tiveram de lhes dar o dinheiro da refeição e mais hora e meia para irem comer.

Uma comissão de enfermeiros, entregou ao ministro da Saúde uma exposição com 1.500 assinaturas de enfermeiros de todo o País, sobre os seus vencimentos e condições de trabalho.

Na Comp. Trefilaria (Sacavém), ao ser integrada a caixa dos operários na Federação das Caixas de Previdência, estes ficaram obrigados a pagar 70%, das despesas de internamento hospitalar, o que provocou grande descontentamento. Os operários exigem o regresso à regalia anterior de não ter que pagar o internamento hospitalar.

Na fábrica da loiça de Sacavém, onde os operários são multados e castigados constantemente, 500 deles foram colocados a 3 dias, 200 outros transferidos para secções onde ganham menos e a gerência tenta ainda obrigá-los a produzirem o mesmo que produziram se trabalhassem de empreitada, mas ganhando sòmente a jorna normal. Cerca de 20 operárias duma secção que se recusaram a aceitar estas condições, foram despedidas, mas devido à sua firme luta junto do sindicato foram readmitidas e obrigaram o patrão a pagar os dias que não trabalharam.

Operários da loiça! Se não lutardes energeticamente, todos vós se-reis colocados a 3 dias e muitos se-rão despedidos. Ante as manobras patronais de vos dividir e explorar

ainda mais é vital unir-vos, organizar-vos, criar comissões que orientem concentrações junto da gerência e do sindicato. Recusai as empreitadas, fazei «cera» e se necessário paralizaí o trabalho exigindo 6 dias de trabalho e que cessem os castigos.

NOS CAMPOS

PIAS — Um rancho de 150 assalariados que trabalhava para o agrário João Rogado largou o trabalho por este ter baixado a jorna de 30\$ para 27\$ e recusaram-se a receber essa jorna. O agrário chamou a GNR mas em face da firmeza dos trabalhadores, a GNR aconselhou o agrário a pagar o que tinha combinado.

ALJUSTREL — Nesta região os assalariados conquistaram a jorna de 45\$ para os homens e 25\$ para as mulheres.

ALVALADE — Os ceifeiros concentraram-se na praça de jornas e exigiram as 8 horas de trabalho. Alguns agrários, entre eles o presidente da Câmara, mandaram chamar a PIDE, dizendo que o povo estava em greve, mas apesar de ter sido preso um jovem, a firmeza dos ceifeiros acabou por triunfar, conquistando as 8 horas e jornas de 40\$00 a 50\$00.

VALE DE VARGO — Um rancho de 70 homens que trabalhava para os agrários Nicolaus abandonou o trabalho, recusando-se a aceitar a jorna de 30\$. Mais tarde os ceifeiros desta região conquistaram jornas de 40\$00.

BALEIZÃO — 60 trabalhadores que andavam nas obras duma estrada foram despedidos. Depois de uma comissão de 3 se ter avistado com a GNR, conseguiram a readmissão ao trabalho de 50.

Amnistia!

por médicos particulares.

É preciso lutar pela Amnistia!

Novas acções se vem juntar à longa e corajosa luta pela Amnistia.

Recentemente, 50 advogados do Porto fizeram uma exposição de protesto contra a inadmissível situação no Forte de Caxias. A prisão do Prof. Dias Amado, figura justamente respeitada, provocou um forte movimento de indignação e solidariedade entre a classe médica. Também a Ordem dos Advogados interveio junto do governo perante a arbitrária prisão do dr. Eduardo de Figueiredo e contra o brutal isolamento a que continua submetido o dr. Humberto Lopes, apesar de já ter terminado a pena a que foi condenado. Outras acções das famílias dos presos políticos estão sendo levadas a cabo.

Em Moçambique, a prisão de democratas que assinaram uma corajosa exposição ao Presidente da República, deu lugar a manifestações de protesto na Beira e em Lourenço Marques.

É preciso ampliar a luta pela Amnistia, espalhando por todo o País tarjetas, cartazes e inscrições, multiplicando as cartas, postais e telegramas ao governo, à Cruz Vermelha, à ONU e outras organizações internacionais, formando comissões, recolhendo milhares de assinaturas de todas as pessoas de coração e boa vontade.

É preciso defender a vida dos presos políticos, formando grupos de solidariedade que façam chegar às cadeias, roupas, tabaco e dinheiro

A morte do camarada

JOSÉ GREGÓRIO

A morte do camarada José Gregório, que o «Avante!» já noticiou, foi profundamente sentida por todos os comunistas portugueses.

No seu funeral, na Checoslováquia, que foi uma manifestação de profundo pesar, o representante do P.C.P. em nome da Direcção do nosso Partido, disse: «Para os êxitos do nosso Partido e da luta do nosso povo contribuíram decisivamente os ensinamentos e capacidade do dirigente querido que acabamos de perder.» «No último adeus que viemos dar ao dirigente amado tomemos o compromisso de prosseguir o honrado caminho e o exemplo do camarada José Gregório.»

Sanliago Alvarez, membro da Comissão Política do P.C. de Espanha, expressou em nome do seu Partido, a «perda tão sensível que

representa para ele e para o Movimento operário e democrático, o falecimento do cam. José Gregório». Depois de salientar os fraternais e estreitos vínculos que unem os Partidos Comunistas de Espanha e Portugal, terminou com as seguintes palavras: «A bandeira sob a qual lutaste e que hoje te pôde acompanhar à sepultura graças a teres cerrado os olhos num país socialista, continuará sempre em frente empunhada firmemente pelo heróico Partido Comunista do qual foste um dos seus abnegados militantes e dirigentes. A causa pela qual lutaste, é a causa de milhões de portugueses e espanhóis, dos filhos de todos os povos, é uma causa invencível de toda a humanidade.»

Entre as mensagens recebidas pela Direcção do nosso Partido destacamos a que a seguir transcreve-

mos do camarada A. M. Rumiantsev, redactor chefe da revista «Problemas de Paz e do Socialismo»:

«O Conselho de Redacção da Revista Internacional «Problemas de Paz e do Socialismo» expressa-vos os mais sentidos pesames pela morte prematura de um velho e meritório militante do vosso Partido e membro do vosso Comité Central, o camarada José Gregório.

Faleceu longe do seu país, mas o seu coração enquanto bateu esteve sempre animado pela ilusão de voltar um dia a recomençar a sua actividade em Portugal, onde foi um exemplo de militante revolucionário, como o foi na emigração.

A recordação do camarada José Gregório permanecerá sempre gravado nos nossos corações.



LUTEMOS CONTRA A GUERRA COLONIAL

OS SOLDADOS CONTRA A GUERRA

De todos os pontos do país e de Angola continuam a chegar notícias de acções dos soldados contra a guerra colonial. Essas acções devem alargar-se e tornar-se mais organizadas pois só assim se levantará uma barreira a esta criminoso guerra.

BEJA — No regimento de Infantaria 3, os soldados mobilizados recusam-se a comparecer à instrução, sentam-se na parada e não cumprem as ordens dos oficiais. São tantos os soldados castigados que já não há onde os meter e muitos esperam a vez de dar entrada nas prisões do quartel. Os soldados dizem abertamente que não querem embarcar.

CHAVES — Como o comandante de Caçadores 10 fivesse oferecido um contingente para as colónias, os soldados, apoiados por muitos civis, manifestaram-se nas ruas contra o embarque, que teve de ser adiado e os soldados dispersos por outras unidades.

LISBOA — Os soldados de Caçadores 5 que pela sua luta obrigaram os comandos a adiar o embarque para Moçambique, continuaram a recusar-se a entrar na formatura nos dias seguintes. O comandante, ao mesmo tempo que fazia palestras «paternais» aos soldados, entregou à PIDE um cabo, a quem acusou de fazer agitação. Sabe-se que o contingente acabou por ser embarcado de surpresa.

TANCOS — Soldados mobilizados que tinham ido de licença faltaram em massa neste quartel. Um sargento afirmou que faltavam 450 soldados.

LISBOA — No cais da Fundação e na doca de Alcântara assiste-se quase diariamente à fuga de soldados que são perseguidos em pleno cais de embarque, enquanto as famílias gritam revoltadas. O ministro do Exército, o ex-polícia Mário Silva, foi apupado por soldados durante uma das suas discursatas às tropas.

LISBOA — No fim de Junho estavam no Hospital da Estrela centenas de feridos e mutilados vindos de Angola. Os soldados manifestam a sua revolta contra a guerra.

LUANDA — Soldados que aqui chegaram no paquete «Império» fizeram um levantamento de rancho

durante a viagem, por lhes estarem a dar arroz e carne de má qualidade. Quando os oficiais quiseram obrigá-los a comer, os soldados atiraram-lhes com pratos gritando: «Fora o arroz!». Os oficiais mais odiados foram ameaçados com tiros quando estivessem no mato e ouviram-se murras a Salazar. Depois deste protesto, a comida passou a ser galinha com arroz, fruta e doce, até chegarem a Luanda.

Nos quartéis de Luanda, os soldados dormem no chão e sem lençóis. Há muitas epidemias. Muitos soldados recusam-se a partir para o mato e estão castigados paraquedistas com 3 meses sem vencimento por terem saído do combate abandonando as armas.

O manifesto da Comissão Política

(continuação da 1.ª pág.)
outras unidades, bem como o elevado número de deserções, mostram que a nossa juventude fardada não está disposta a dar a vida pelos interesses dos colonialistas nem a envilecer-se no covarde massacre das mulheres e crianças angolanas.

A cega obstinação de Salazar é uma fonte dos mais vergonhosos desaires diplomáticos para Portugal. Actualmente apenas a Espanha franquista e a ultra-racista União Sul-Africana apoiam abertamente a política colonialista de Salazar. A votação unânime do Conselho de Segurança da ONU, condenando a guerra colonial em Angola, consagra o isolamento de Portugal no concerto das nações. A insolência com que os governantes e a imprensa a seu soldo receberam a decisão da ONU não consegue esconder esta estrondosa derrota do governo salazarista.

Cabe ao nosso povo apagar a mancha desta desonrosa política.

PORTUGUESES!

Desalojar o governo salazarista do poder é a primeira condição para restituir a tranquilidade ao país e para resolver com justiça os problemas com que se defronta a Nação.

Lutemos unidos para libertar o nosso país dos seus miseráveis opressores!

Exijamos a paz em Angola e o regresso dos soldados portugueses ao país!

Lutemos unidos pelo aumento de salários, jornas e ordenados, contra a subida do custo de vida e o agravamento dos impostos!

Resistamos, por todas as formas à tentativa de fazer pagar pelo povo o fardo da guerra!

OPERÁRIOS! CAMPONESES! JOVENS! MULHERES DE PORTUGAL!

Lutemos unidos com energia e decisão pelas nossas reivindicações económicas e políticas.

Organizemos para já a batalha eleitoral ou a luta contra a tentativa de adiamento das «eleições» para a Assembleia Nacional se o governo fascista tiver essa ousadia!

SOLDADOS! MARINHEIROS! AVIADORES!

Recusai-vos a massacrar a população indefesa de Angola e a assassinar os patriotas angolanos que lutam pela Independência e a Liberdade do seu país!

O Partido Comunista previu os resultados da criminoso política colonialista de Salazar. O Partido Comunista chama-vos a lutar a fim de que o nosso país se liberte da opressão fascista e instaure no país um regime de liberdade, democracia e paz!

Que os colonialistas tirem as mãos de Angola! Abaixo a guerra contra o heróico povo angolano! Liberdade e independência para Portugal! Liberdade e independência para o povo de Angola!

21 de Julho de 1961

Unidade de acção

(continuação da 1.ª pág.)

base da igualdade de direitos e de interesses mútuos com os povos coloniais e seria altamente benéfica para todo o povo português.

Por um amplo movimento popular de massas

Sómente um Governo de unidade nacional, que inspire confiança ao país, poderá realizar tal política. O derrubamento da ditadura salazarista é um imperativo nacional, mas tal derrubamento não se fará nos bastidores, em conluios de carácter putchista e acções terroristas. A consigna do levantamento nacional é a perspectiva revolucionária que se coloca ao povo português para o derrubamento da ditadura fascista e que assegurará as

transformações democráticas que os interesses nacionais exigem. O caminho para a materialização de tal perspectiva, é o desenvolvimento das mais variadas acções de massas, o fortalecimento e alargamento da unidade de acção e da organização actuante das forças democráticas e anti-salazaristas, no plano legal e ilegal.

As graves consequências económicas e políticas da guerra colonial e a proximidade das «eleições» para deputados, previstas para Outubro ou Novembro, exigem urgentemente uma larga unidade actuante das forças democráticas e a criação dum amplo movimento popular de massas. A criação duma vasta rede de Comissões Cívicas eleitorais e a formação de listas únicas e representativas de candidatos da oposição é uma tarefa imediata para todos os democratas.

Intensificar por todas as formas a resistência à guerra colonial e a luta pela Paz em Angola e arrancar do Governo condições que permitam à Oposição desenvolver uma larga campanha de esclarecimento e organização nas próximas «eleições», são tarefas inadiáveis que se colocam a todos os patriotas portugueses.

Crónica internacional

A AGRESSÃO À TUNÍSIA

A brutal agressão dos colonialistas franceses ao povo tunisino em Bizerta traz uma tentativa desesperada das forças colonialistas para manter a dominação colonial aos povos a que foram obrigados a dar a independência política.

Ameaçados de perderem todas as posições na Argélia, cujo povo luta heróicamente de armas na mão há quase sete anos pela conquista da sua liberdade e independência, expulsos das bases militares de Marrocos, os imperialistas franceses agarram-se desesperadamente à manutenção de grande base naval de Bizerta, porto de apoio na sangrenta guerra contra o povo da Argélia e base do bloco agressivo da NATO em cuja estratégia está integrada e onde ainda recentemente foram construídas, sob as rochas, instalações militares e abrigos à prova de bombas atómicas. Por tudo isto se explica o apoio e cumplicidade dos restantes parceiros da NATO, inclusive os salazaristas, à agressão do governo francês.

Com esta agressão dos colonialistas franceses, o povo da Tunísia paga caro as consequências dos erros, vacilações e compromissos da burguesia dirigente desse país. BURGUIBA, o dirigente nacionalista tunisino, é o representante típico da burguesia de certos países africanos que mantêm compromissos com o imperialismo e transigem com os monopólios estrangeiros dominantes do seu próprio país. É através da líderes nacionalistas deste tipo que se tem instalado em África o NEO-COLONIALISMO, isto é, o domínio dos colonialistas por formas algo diferentes das do passado, de que os monopólios americanos são a força de choque.

Dentro dessa linha política, Bourguiba defendeu no Congo Kasavubu e opôs-se ao legítimo chefe do governo, LUMUMBA; no conflito entre a França e Marrocos, a propósito da Mauritània, opôs-se aos seus irmãos marroquinos defendendo a posição da França; no seguimento desta mesma linha, boicou a Conferência de Casablanca que reuniu o grupo de países africanos que mais consequentemente combatem o colonialismo. É bem significativo o adiamento sucessivo da luta pela libertação de Bizerta com o pretexto, evocado por Bourguiba, de não embarcar o General De Gaulle na «solução» do problema argelino quando, na verdade, Bizerta tem sido um dos principais pontos de apoio das forças de agressão ao povo da Argélia combatente.

As manobras e tergiversações de Bourguiba sucedeu a luta actual do povo tunisino que certamente aprenderá à sua própria custa que a sua completa liberdade e independência está intimamente ligada à liquidação completa do domínio colonial e que não pode haver compromissos nem transigências com as forças da reacção e do passado.

Força da justiça da sua causa e ajudado pela solidariedade activa dos seus irmãos africanos e de todos os povos que lutam contra o colonialismo e o imperialismo, o povo da Tunísia sairá fortalecido desta dura prova e conquistará a sua completa independência.